



O MENINO NA  
ÁRVORE DE  
NATAL DE CRISTO  
*e outras histórias.*

*Fiódor Dostoiévski*

FIODOR DOSTOIÉVSKI

O menino na  
árvore de  
Natal de  
Cristo  
e outras histórias.



FIODOR DOSTOIÉVSKI

O menino na  
árvore de  
Natal de  
Cristo  
e outras histórias.

Tradução de Paulo Matheus de Souza



Porto Alegre, 2021.

## Repositório Cristão

Porto Alegre/RS.

<https://repositoriocristao.design.blog/>

*O menino na árvore de Natal de Cristo, e outras histórias.*

Autor: Fiódor Dostoiévski (1821-1881).

Nome original:— *Мальчик у Христа на ёлке (1876), Сон смешного человека (1877), Из дачных прозулок Кузьмы Пруткова и его друга (1878), Два самоубийства (1876), Приговор (1880).*

A versão original em russo está em domínio público.

Capa: *Ilustração de A. Meyer para a história “O Menino na Árvore de Natal de Cristo”, Praga, 1923.*

1ª edição.

Tradução: Paulo Matheus de Souza

Revisão: Daniele L. F. Souza

Disponível em: <https://www.paulomatheus.com/>

Caso queira contribuir com este trabalho, mande um e-mail para:  
[contato@paulomatheus.com](mailto:contato@paulomatheus.com)

# Índice

<i>Nota introdutória</i> .....	6
<i>O menino na árvore de Natal de Cristo</i> .....	8
<i>Sonho de um homem ridículo</i> .....	14
I.....	14
II.....	18
III.....	21
IV.....	26
V.....	30
<i>Das caminhadas de férias de Kuzma Prutkov e seu amigo</i> .....	35
<i>Dois suicídios</i> .....	40
<i>Frase</i> .....	43
<i>Fiódor Dostoiévski</i> .....	47
<i>Sobre o Repositório Cristão</i> .....	49



# Nota introdutória

Neste pequeno compilado, estão reunidos alguns escritos da segunda metade dos anos 1870, quando Dostoiévski preparava-se para lançar sua maior obra, Os Irmãos Karamazov. Neles, vemos alguns problemas em comum, não apenas na tristeza da existência, mas na esperança final, tais como perceberemos em sua derradeira obra-prima: o tema do suicídio, presente em “Dois Suicídios”, “Frase” e “Sonho de um homem ridículo”; 'das crianças é o Reino dos céus' podemos contemplar claramente em “O menino na árvore de Natal de Cristo” e no “Sonho de um homem ridículo”; além disso, Dostoiévski usa de alguns meios fantásticos em suas observações, como mais uma vez em “Sonho de um homem ridículo” e em “Das caminhadas de férias de Kuzma Prutkov e seu amigo” (o que pode nos remeter a conversa de Ivan com o diabo).

A leitura não carrega a mesma complexidade de suas grandes obras, mas é uma leitura próxima daquilo que encontraremos na medida em que nos aventurarmos neste que é tido como um dos maiores escritores da literatura mundial.

**Paulo Matheus Souza de Souza**





# O menino na árvore de Natal de Cristo

Sou um romancista e acho que compus uma “história” sozinho. Escrevo: “parece”, porque eu mesmo sei com certeza o que compus, mas fico imaginando que aconteceu em algum lugar e uma vez, foi o que aconteceu apenas na véspera do Natal, em alguma cidade grande e em um congelamento terrível.

Imagino que havia um menino no porão, mas ainda muito pequeno, com cerca de seis anos ou menos. Este menino acordou de manhã em um porão úmido e frio. Ele estava vestido com uma espécie de roupão e tremia. Sua respiração saiu em um vapor branco, e ele, sentado no canto do peito, de tédio, deliberadamente deixou o vapor sair de sua boca e se divertiu vendo-o voar para fora. Mas ele realmente queria comer. Várias vezes pela manhã ele se aproximou dos beliches, onde sua mãe doente estava deitada em uma cama fina como uma panqueca e com um nó sob sua cabeça em vez de um travesseiro. Como ela chegou aqui? Ela deve ter chegado com seu filho de uma cidade estranha e de repente adoeceu. A dona das esquinas foi capturada pela polícia há mais de dois dias; os inquilinos se dispersaram, era um negócio festivo, e o manto que sobrou ficou morto de bêbado o dia todo, sem esperar o feriado. No outro canto da sala, uma senhora de oitenta anos gemia de reumatismo, que outrora vivia em algum lugar com babás, e agora estava morrendo sozinha, gemendo, resmungando e retrucando com o menino, de modo que ele já tinha medo de chegar perto do canto dela. Em algum lugar ele pegou uma bebida no corredor, mas não conseguiu encontrar uma crosta em lugar nenhum, e já na décima vez ele foi acordar sua mãe. Por fim, ele ficou apavorado na escuridão: a noite havia começado há muito tempo e o fogo ainda não havia sido aceso. Sentindo o rosto da mãe, ele se maravilhou por ela não se mexer e ficar fria como uma parede. “Está muito frio aqui”, pensou ele, ficou parado por um tempo, inconscientemente esquecendo sua mão no ombro da falecida, então respirou nos dedos para aquecê-los e de repente, tateando por seu boné no beliche, lentamente, tateando, foi para o porão.

Ele teria ido ainda mais cedo, mas ainda tinha medo do cachorro grande lá em cima, na escada, que uivava o dia todo na porta do vizinho. Mas o cachorro havia sumido e de repente ele saiu para a rua.

Senhor, que cidade! Ele nunca tinha visto nada parecido. Lá, de onde ele veio, há uma escuridão tão negra à noite, uma lâmpada para toda a rua. Casas baixas de madeira são fechadas; na rua escurece um pouco – ninguém, todos trancados em suas casas, e apenas bandos inteiros de cães uivam, centenas e milhares deles, uivam e latem a noite toda. Mas lá estava, por outro lado, tão quente e ele podia comer, mas aqui – meu Deus, pelo menos para comer! E que barulho e trovão aqui, que luz e gente, cavalos e carruagens, e geada, geada! O vapor congelado desce dos cavalos conduzidos, de seus focinhos de respiração quente; através da neve solta, ferraduras tilintam nas pedras e todos estão empurrando com tanta força, e, Senhor, eu realmente quero comer, mesmo algum pedaço, e de repente meus dedos doem tanto. O guardião da ordem passou e se afastou para não notar o menino.

Aqui está a rua de novo – ó, que largura! Aqui eles provavelmente serão esmagados assim; como todos eles gritam, correm e cavalgam, e a luz, a luz! E o que é isso? Uau, que vidro grande, e atrás do vidro há uma sala, e na sala há uma árvore até o teto; esta é uma árvore, e há muitas luzes na árvore, quantos pedaços de papel dourado e maçãs, e ao redor há bonecos, cavalinhos; e as crianças correm pela sala, inteligentes e limpas, rindo e brincando, e comendo e bebendo alguma coisa. Essa menina começou a dançar com o menino, que menina bonita! Aqui está a música, você pode ouvi-la através do vidro. O menino olha, maravilha-se, já está rindo, mas os dedos e as pernas já estão doendo, e as mãos ficaram completamente vermelhas, não se dobram e dói mexer. E de repente o menino lembrou que seus dedos estavam tão doloridos que ele chorou e correu, e então novamente viu através de outra sala de vidro, havia árvores de novo, mas nas mesas havia tortas, todos os tipos de amêndoas, vermelhas, amarelas, e havia quatro senhoras ricas, e quem aparece elas oferecem tortas, e a porta se abre a cada minuto,

muitos cavalheiros vêm da rua. O menino se aproximou, de repente abriu a porta e entrou. Nossa, como eles gritaram e acenaram para ele! Uma senhora apareceu o mais rápido possível e colocou uma moeda em sua mão, enquanto ela própria abria a porta da rua para ele. Como ele estava assustado! E a moeda imediatamente rolou e desceu os degraus: ele não conseguia dobrar os dedos vermelhos e segurá-la. O menino saiu correndo e foi rápido, rápido, mas não sabia para onde. Ele quer chorar de novo, mas está com muito medo e corre, corre e sopra nos braços. E a saudade o leva, porque de repente ele se tornou tão solitário e terrível, e de repente, Senhor! O que é isso mesmo? As pessoas estão no meio da multidão e ficam maravilhadas: há três bonecos na vitrine atrás do vidro, uns pequeninos com vestidos vermelhos e verdes e iguais a seres vivos! Um velho se senta e parece estar tocando um grande violino, dois outros estão ali e tocam pequenos violinos e balançam a cabeça no ritmo e olham um para o outro, e seus lábios se movem, dizem, dizem completamente – apenas agora você não pode ouvir atrás do vidro. E o menino primeiro pensou que eles estavam vivos, mas quando ele adivinhou completamente que eles eram bonecos, ele riu de repente. Ele nunca tinha visto bonecos assim e não sabia que existiam bonecos assim! E ele quer chorar, mas é tão engraçado, engraçado com os bonecos. De repente, teve a impressão de que, por trás dele, alguém agarrou um manto de um menino grande e zangado que estava ao lado dele e, de repente, bateu em sua cabeça, arrancou seu boné e o chutou por baixo com o pé. O menino rolou para o chão, então eles gritaram, ele ficou estupefato, deu um pulo e correu e correu, e de repente ele correu, ele não sabe para onde, em um portal, em um quintal estranho, e sentou-se atrás do bosque: “Eles não vão encontrar e está escuro”.

Ele se sentou e se contorceu, mas ele mesmo não conseguia recuperar o fôlego de medo e de repente, muito de repente, ele se sentiu tão bem: seus braços e pernas de repente pararam de doer e ficou tão quente, tão quente, como em um fogão; então ele estremeceu todo: ah, mas ele estava dormindo! Como é bom adormecer aqui: “Vou sentar aqui e voltar a olhar as bonecas”,

pensou o menino e riu, lembrando-se delas, “como se estivessem vivas!..”. E de repente ouviu que a sua mãe estava cantando uma música sobre ele. “Mãe, estou dormindo, ah, como é bom dormir aqui!”.

“Venha para a minha árvore, menino”, uma voz baixa sussurrou de repente sobre ele.

Ele pensava que era tudo sua mãe, mas não, ela não; quem o chamou, ele não vê, mas alguém se curvou sobre ele e o abraçou na escuridão, e ele estendeu a mão para este e... e de repente - ó, que luz! Ó, que árvore! E não é uma árvore, ele ainda não viu essas árvores! Onde ele está agora: tudo está brilhando, tudo está brilhando e tudo em volta são bonecos – mas não, esses são todos meninos e meninas, só que brilhantes, todos eles giram em torno dele, voam, todos eles o beijam, pegam, carregam ele com eles, sim e ele mesmo voa, e ele vê: sua mãe está olhando e rindo dele com alegria.

– Mama! Mama! Ó, como é bom aqui, mãe! – grita o menino para ela, e novamente se beija com as crianças, e quer contar o quanto antes sobre aquelas bonecas atrás do vidro. – Quem são vocês meninos? Quem são vocês meninas? Ele pergunta, rindo e amando-os.

– Esta é a “árvore de Cristo” – respondem-lhe. – Cristo sempre tem uma árvore de natal neste dia para as criancinhas que não têm sua própria árvore de natal... – E ele aprendeu que esses meninos e meninas eram todos iguais a ele, crianças, mas alguns ainda estavam congelados em seus cestos, em que foram jogados nas escadas às portas de funcionários de São Petersburgo, outros chukhnas<sup>1</sup> sufocados, do orfanato para alimentação, outros morreram no seio murcho de suas mães (durante a fome de Samara), o quarto sufocado em carruagens de terceira classe com o fedor, e todos eles agora estão aqui, todos eles agora são como anjos, todos estão com Cristo, e Ele mesmo está no meio deles, e estende Suas mãos para eles, e os abençoa e suas mães pecaminosas... E as mães dessas crianças estão todas de pé bem ali, de lado, chorando; cada uma reconhece o seu menino ou

---

<sup>1</sup>É um termo russo obsoleto para alguns povos finlandeses: finlandeses, estonianos, carelianos, finlandeses ingrianos – N.T.

menina, e voam até eles e os beijam, enxugam as lágrimas com as mãos e imploram que não chorem, porque aqui se sentem tão bem...

E lá embaixo, pela manhã, os zeladores encontraram o pequeno cadáver de um menino que entrou correndo e morreu congelado atrás da madeira; eles também encontraram sua mãe... Ela morreu antes mesmo dele; ambos se encontraram no Senhor Deus no céu.

E por que escrevi tal história, que não cai tão bem em um diário razoável comum, e até mesmo em um escritor? E ele também prometeu histórias principalmente sobre eventos reais! Mas esse é o ponto, tudo me parece que tudo isso poderia realmente acontecer – isto é, o que aconteceu no porão e atrás da floresta, e ali sobre a árvore de Natal de Cristo – não sei como lhe dizer, poderia ter acontecido ou não? É para isso que sou um romancista, para inventar.

# Sonho de um homem ridículo

## I

Eu sou uma pessoa ridícula. Eles me chamam de louco agora. Teria sido uma promoção se eu ainda não tivesse sido tão ridículo com eles como era antes. Mas agora eu não estou com raiva, agora eles são todos queridos para mim, e mesmo quando riem de mim, eles são até mesmo queridos para mim de alguma forma. Eu mesmo teria rido com eles – não apenas de mim mesmo, mas até os amaria, se não estivesse tão triste olhando para eles. É triste porque eles não sabem a verdade, mas eu sei a verdade. Ó, como é difícil para alguém saber a verdade! Mas eles não vão entender. Não, eles não vão entender.

E antes disso eu ficava muito triste porque parecia ridículo. Não parecia, era. Sempre fui ridículo e sei disso, talvez, desde o meu nascimento. Talvez eu soubesse há sete anos que era ridículo. Depois fui para a escola, depois para a universidade, e o que – quanto mais estudava, mais aprendia que era ridículo. Portanto, para mim, toda a minha ciência universitária, por assim dizer, existia apenas no final, para provar e me explicar, à medida que me aprofundava, que eu era ridículo. Como na ciência, continuou na vida. Todos os anos, a mesma consciência sobre minha aparência engraçada em todos os aspectos crescia e se fortalecia em mim. Todo mundo sempre riu de mim. Mas eles não conheciam ninguém e não imaginavam que se houvesse uma pessoa na terra que soubesse mais do que ninguém sobre o fato de que eu era ridículo, era eu mesmo, e isso foi o mais ofensivo para mim que eles não soubessem disso, mas aqui mesmo eu era a culpado: sempre fui tão orgulhoso que nunca quis admitir isso para ninguém. Esse orgulho cresceu em mim ao longo dos anos, e se acontecesse que pelo menos na frente de outra pessoa eu me permitisse admitir que era engraçado, então me parece que ali mesmo, naquela mesma noite, eu teria esmagado minha cabeça com um revólver. Ó, como sofri na minha adolescência por não poder suportar e de repente, de alguma forma, me confessar aos

meus camaradas. Mas desde que me tornei um homem jovem, embora a cada ano aprendesse mais e mais sobre minha péssima qualidade, por algum motivo fiquei um pouco mais calmo. Precisamente por algum motivo, porque ainda não consigo determinar o porquê. Talvez porque um desejo terrível crescia em minha alma por uma circunstância que já era infinitamente superior a mim: a saber, essa foi a única convicção que me dominou de que tudo era igual em todo o mundo. Eu tive um pressentimento disso por muito tempo, mas a convicção total apareceu no ano passado de alguma forma repentina. De repente, senti que não me importaria se o mundo existisse ou se não houvesse nada em qualquer lugar. Comecei a ouvir e sentir com todo o meu ser que não havia nada comigo. A princípio tudo me pareceu que antes havia muito, mas então percebi que não havia nada antes, mas apenas por alguma razão parecia haver. Aos poucos, fui me convencendo de que nada aconteceria. Então, de repente, parei de ficar com raiva das pessoas e quase comecei a não notá-las. Na verdade, isso foi revelado até nas menores ninharias: por exemplo, aconteceu de eu andar na rua e esbarrar nas pessoas. E não por reflexão: em que pensar, então parei completamente de pensar: não me importava. E eu gostaria de poder resolver os problemas; ó, ele não permitiu um, mas quantos eram? Mas não me importei e todas as perguntas desapareceram.

E agora, depois disso, descobri a verdade. Aprendi a verdade em novembro passado, precisamente no dia 3 de novembro, e desde então me lembro de cada momento meu. Foi na noite mais escura que se pode pensar. Naquela época, eu voltava para casa às onze horas da noite, e foi então, eu me lembro, que pensei que não poderia haver hora mais escura. Até fisicamente. Choveu o dia todo, e foi a chuva mais fria e escura, algum tipo de chuva até formidável, eu me lembro disso, com óbvia hostilidade para com as pessoas, e então de repente, às onze horas, parou, e começou uma terrível umidade, úmido e mais frio do que quando estava chovendo, e em tudo havia algum tipo de vapor, de cada pedra na rua e de cada beco, se você olhasse bem nas profundezas, mais longe, da rua. De repente, pareceu-me que se o querosene das



luminárias se findasse por toda a parte se tornaria mais gratificante, e com o querosene seria mais triste para o coração, porque ilumina tudo isso. Quase não jantei naquele dia e, desde o início da noite, sentei-me com um engenheiro, que tinha mais dois amigos. Fiquei em silêncio e parecia estar cansado deles. Eles falaram sobre algo provocativo e de repente até ficaram animados. Mas eles não ligaram, eu vi, e eles ficaram entusiasmados, só isso. De repente, disse-lhes o seguinte: “Senhores, estou lhes dizendo, vocês não ligam”. Eles não se ofenderam, mas todos riram de mim. Isso é porque eu disse sem qualquer censura, e simplesmente porque não me importava. Eles viram que eu não me importava e se divertiram.

Quando pensei em querosene na rua, olhei para o céu. O céu estava terrivelmente escuro, mas dava para ver claramente as nuvens rasgadas e, entre elas, manchas pretas sem fundo. De repente, percebi um asterisco em um desses pontos e comecei a olhá-lo atentamente. Isso porque essa estrela me deu o pensamento: eu me propus a me matar esta noite. Ele foi firmemente estabelecido para mim há dois meses, e não importa o quão pobre eu seja, comprei um revólver maravilhoso e carreguei-o no mesmo dia. Mas dois meses se passaram e ele ainda estava na caixa; mas eu não me importava tanto a ponto de finalmente encontrar um momento em que não fosse tão igual, por que assim... eu não sei. E assim, durante esses dois meses, todas as noites, voltando para casa, pensei que ia atirar em mim mesmo. Fiquei esperando por um minuto. E agora essa estrelinha me deu uma ideia, e presumi que certamente seria naquela noite. É por que o asterisco me deu esse pensamento... eu não sei.

E então, quando eu estava olhando para o céu, uma garota de repente me agarrou pelo cotovelo. A rua já estava vazia e quase ninguém estava lá. Um cocheiro dormia em um droshky<sup>2</sup> à distância. A menina tinha cerca de oito anos, com um lenço e um vestido, toda molhada, mas eu me lembro principalmente dos sapatos molhados e rasgados e agora me lembro. Eles brilharam especialmente nos meus olhos. De repente, ela começou a puxar

---

<sup>2</sup>Um droshky ou drosky é um termo usado para vários tipos de transporte, como, por exemplo, uma carruagem aberta de quatro rodas, usada especialmente na Rússia – N.T.

meu cotovelo e me chamar. Ela não chorou, mas de alguma forma gritou abruptamente algumas palavras que ela não conseguia pronunciar bem, porque ela estava tremendo com um pequeno calafrio. Por algum motivo, ela ficou apavorada e gritou desesperadamente: “Mamãe! Mamãe!”. Viri meu rosto para ela, mas não disse uma palavra e continuei andando, mas ela correu e me puxou, e sua voz soou o som que em crianças muito assustadas significa desespero. Eu conheço esse som. Embora ela não tenha terminado as palavras, percebi que sua mãe estava morrendo em algum lugar, ou algo havia acontecido com eles, e ela correu para ligar para alguém, para encontrar algo para ajudar sua mãe. Mas eu não a segui e, pelo contrário, de repente tive a ideia de mandá-la embora. Primeiro eu disse a ela para encontrar o policial. Mas de repente ela cruzou os braços e, soluçando, ofegando, continuou correndo para o lado e não me deixou. Foi então que pisei nela e gritei. Ela gritou apenas: “Mestre, mestre!..”, mas de repente ela me deixou e saiu correndo pela rua: um transeunte apareceu também, e ela, aparentemente, correu de mim para ele.

Subi até meu quinto andar. Vivo dos donos e temos quartos. Meu quarto é pobre e pequeno, e a janela do sótão é semicircular. Tenho um sofá de oleado, uma mesa sobre a qual há livros, duas cadeiras e uma cadeira morta, antiquada, mas de Voltaire. Sentei-me, acendi uma vela e comecei a pensar. Perto dali, em outra sala, atrás de uma divisória, Sodoma continuou. Ele estava com eles desde o terceiro dia. Lá vivia um capitão aposentado, e ele tinha convidados – cerca de seis pequenos oficiais, bebiam vodca e jogavam baralho com cartas antigas. Houve uma briga ontem à noite, e eu sei que dois deles se arrastaram pelos cabelos por um longo tempo. A anfitriã quis reclamar, mas tem muito medo do capitão. Os outros inquilinos dos nossos quartos são apenas uma senhora pequena e esguia, do regimento, que chega com três crianças pequenas que já estão doentes nos nossos quartos. E ela e as crianças têm medo do capitão até desmaiarem, tremerem e fazerem o sinal da cruz a noite toda, e com o filho mais novo houve algum tipo de ataque de medo. Este capitão, eu provavelmente sei, às vezes para os transeuntes em Nevsky, e

vive na pobreza. Ele não é aceito no serviço, mas, por estranho que pareça (estou contando isso por isso), o capitão, por estar morando conosco, não me incomodou. Claro, evitei conhecê-los desde o início, e ele mesmo ficou entediado comigo desde a primeira vez, mas não importa o quanto eles gritaram atrás de sua partição e não importa quantos deles havia, sempre não me importo. Eu sento a noite toda e realmente não os ouço – eu esqueço muito deles. Eu não durmo todas as noites até o amanhecer, e isso já faz um ano. Sento-me a noite toda à mesa em poltronas e não faço nada. Eu leio livros apenas durante o dia. Eu sento e nem penso, então, alguns pensamentos vagam e eu os deixo livres. A vela se apaga durante a noite. Sentei-me em silêncio ao lado da mesa, tirei meu revólver e o coloquei na minha frente. Quando o abaixei, lembro-me de me perguntar: “É mesmo?”, e me respondi totalmente afirmativamente: “Então”. Ou seja, vou atirar em mim mesmo. Eu sabia que provavelmente iria atirar em mim mesmo naquela noite, mas por quanto tempo mais eu ficaria sentado à mesa até então, eu não sabia. É claro que eu teria atirado em mim mesmo se não fosse por aquela garota.

## II

Vejam bem: embora eu não me importasse, eu sentia dor, por exemplo. Como se alguém tivesse batido em mim, e eu sentia dor. É o mesmo no sentido moral: se algo muito miserável tivesse acontecido, eu teria sentido pena, assim como quando eu ainda estava na minha vida, era tudo a mesma coisa. Senti pena agora mesmo: certamente ajudaria a criança. Por que não ajudei a garota? E de uma ideia que surgiu então: quando ela estremeceu e me chamou, de repente uma questão surgiu na minha frente, e eu não consegui resolver. A pergunta estava ociosa, mas fiquei com raiva. Fiquei zangado com a conclusão de que, se já tivesse decidido que me suicidaria esta noite, tudo no mundo deveria ter se tornado para mim agora, mais do que nunca, tudo igual. Por que de repente eu senti que me importo e sinto pena da garota?

Lembro que senti muita pena dela; alguma dor ainda estranha e até mesmo incrível na minha situação. Na verdade, não sei como transmitir melhor esta minha fugaz sensação naquela altura, mas a sensação continuou em casa, quando já tinha sentado à mesa, e fiquei muito aborrecido, pois não o fazia há muito tempo. O raciocínio segue o raciocínio. Parecia claro que se eu fosse uma pessoa, e ainda não fosse nada, e ainda não tivesse chegado ao nada, então eu estava vivendo e, conseqüentemente, poderia sofrer, ficar com raiva e sentir vergonha de minhas ações. Mas se eu me matar, por exemplo, em duas horas, então o que é uma garota para mim e o que me importa tanto a vergonha quanto tudo no mundo? Estou convertendo para zero, zero absoluto. E realmente a consciência de que eu não existirei agora e, portanto, nada existirá, não poderia ter o menor efeito nem no sentimento de pena pela garota, nem no sentimento de vergonha depois da maldade cometida? Afinal, é por isso que pisei e gritei com voz selvagem para a infeliz criança, que, “dizem, não só não sinto pena, mas se fizer uma maldade desumana, agora posso, porque em duas horas tudo vai desaparecer”. Você acredita que é por isso que eu gritei? Agora estou quase convencido disso. Parecia claro que a vida e o mundo agora pareciam depender de mim. Pode-se até dizer que o mundo agora é, por assim dizer, feito apenas para mim: se eu atirar em mim mesmo, não haverá paz, pelo menos para mim. Sem falar no fato de que, talvez, e realmente para ninguém será nada depois de mim, e o mundo inteiro, assim que minha consciência se desvanecer, imediatamente se extinguirá como um fantasma, como pertencimento a apenas de minha consciência, e será abolido, porque talvez seja, este mundo inteiro e todas essas pessoas – eu mesmo sou o único. Lembro-me de que, sentado e pensando, virei todas essas novas questões, que se aglomeravam uma após a outra, até mesmo em uma direção completamente diferente e inventei algo completamente novo. Por exemplo, de repente eu tive uma estranha ideia de que se eu tivesse vivido antes na lua ou em Marte e tivesse feito alguns dos atos mais vergonhosos e desonrosos que podem ser imaginados, e lá eu teria sido insultado e desonrado por isso, como só se pode sentir e imaginar às vezes

em um sonho, em um pesadelo, e se, então, me encontrando na terra, eu continuasse a permanecer consciente do que fiz em outro planeta, e, além disso, saberia que houve não que eu nunca mais voltarei, então, olhando da terra para a lua, seria tudo igual para mim ou não? Eu me sentiria envergonhado por esse ato ou não? As perguntas foram fúteis e desnecessárias, pois o revólver já estava caído na minha frente, e eu sabia com todo o meu ser que seria com certeza, mas me excitavam e eu estava furioso. Como se eu não pudesse mais morrer agora, sem antes resolver alguma coisa. Resumindo, essa garota me salvou, pois distanciei a cena com perguntas. Enquanto isso, o capitão também começou a se acalmar: eles acabaram de jogar cartas, se acomodaram para dormir e enquanto resmungavam e brigavam preguiçosamente. Foi então que adormeci de repente, o que nunca me acontecera antes, à mesa e nas cadeiras. Adormeci completamente imperceptível para mim. Os sonhos, como você sabe, são uma coisa extremamente estranha: um se apresenta com uma clareza assustadora, com joias finas no acabamento dos detalhes, e você salta sobre o outro, como se nem percebesse, por exemplo, através do espaço e do tempo. Os sonhos parecem não ser movidos pela razão, mas pelo desejo, não pela cabeça, mas pelo coração, e ainda assim, que coisas astutas minha razão às vezes fazia em um sonho! Enquanto isso, coisas completamente incompreensíveis acontecem com ele em um sonho. Meu irmão, por exemplo, morreu há cinco anos. Às vezes o vejo em sonho: ele participa dos meus negócios, estamos muito interessados, mas enquanto isso, sei e me lembro que meu irmão está morto e enterrado durante toda a duração do sonho. Como é que não estou surpreso que, embora ele esteja morto, ele ainda está aqui ao meu lado e ocupado comigo? Por que minha mente admite tudo isso perfeitamente? Mas chega. Estou caindo no sono. Sim, eu tive esse sonho então, meu sonho no dia 3 de novembro! Eles me provocam agora que era apenas um sonho. Mas não é tudo a mesma coisa, um sonho ou não, se esse sonho anunciou a verdade para mim? Afinal, se uma vez que você aprendeu a verdade e a viu, você sabe que ela é a verdade e que não há outra e não pode haver, esteja você dormindo ou vivendo. Bem, deixe

ser um sonho, deixe ser, mas esta vida, que você tanto exalta, eu queria extinguir pelo suicídio, mas meu sonho, meu sonho – ó, ele me anunciou uma vida nova, grande, renovada, forte!

Ouço.

### III

Disse que adormeci imperceptivelmente e até como se continuasse a falar sobre o mesmo assunto. De repente, sonhei que estava pegando um revólver e, sentando-me, apontando-o direto no meu coração – no meu coração, e não na minha cabeça; decidi primeiro dar um tiro na cabeça e precisamente na têmpora direita. Apontando para o meu peito, esperei um ou dois segundos, e minha vela, a mesa e a parede à minha frente de repente se moveram e balançaram. Atirei rapidamente.

Em um sonho, você às vezes cai de uma altura, ou eles cortam você, ou batem em você, mas você nunca sente dor, exceto se você mesmo de alguma forma realmente se machucar na cama, então você sentirá dor e quase sempre acordará por causa da dor. Assim, no meu sonho: não senti dor, mas me parecia que com o meu tiro tudo em mim estremeceu e de repente tudo se apagou, e tudo à minha volta tornou-se terrivelmente escuro. Era como se eu estivesse cego e entorpecido, e agora estou deitado sobre algo duro, esticado, em decúbito dorsal, não vejo nada e não posso fazer o menor movimento. Eles andam e gritam, o capitão está batendo, a recepcionista grita – e de repente há outro intervalo, e agora eles estão me carregando em um caixão fechado. E eu sinto o caixão balançando, e eu penso sobre isso, e de repente pela primeira vez eu fico impressionado com a ideia de que estou morto, completamente morto, eu sei disso e não tenho dúvidas, eu não vejo e não me movo, mas enquanto isso eu sinto e raciocino. Mas logo aguento e, como sempre, como em um sonho, aceito a realidade sem contestação.

E agora eles me enterram no chão. Todo mundo vai embora, estou sozinho, completamente sozinho. Em nenhum momento eu me movo, quando pela primeira vez imaginei na realidade como seria enterrado no túmulo, na verdade conectei com o túmulo apenas uma sensação de umidade e frio. Então agora eu sentia que estava com muito frio, especialmente nas pontas dos pés, mas não sentia mais nada.

Fiquei ali deitado e, estranhamente, não esperava nada, aceitando sem contestação que os mortos não tinham nada que esperar. Mas estava úmido. Eu não sei quanto tempo se passou – uma hora ou alguns dias, ou muitos dias. Mas então, de repente, uma gota d'água vazou pelo teto do caixão e caiu sobre meu olho esquerdo fechado, seguida por outra em um minuto, depois uma terceira em um minuto e assim por diante, e assim por diante, tudo em um minuto. Uma indignação profunda de repente explodiu em meu coração, e de repente eu senti uma dor física nele: “Esta é a minha ferida”, pensei, “isto é um tiro, há uma bala...”. E a gota continuava pingando, a cada minuto e diretamente no meu olho fechado. E de repente gritei, não com a minha voz, pois estava imóvel, mas com todo o meu ser para o governante de tudo o que estava acontecendo comigo:

– Seja você quem for, mas se for e se houver algo mais razoável do que o que está acontecendo agora, permita que ele também esteja aqui. Se, no entanto, você me vingar por meu suicídio irracional – com a desgraça e o absurdo de uma existência futura, então saiba que nenhum tormento, não importa o que me aconteça, nunca pode ser comparado com o desprezo que sentirei silenciosamente, mesmo durante milhões de anos de martírio!...

Eu gritei e fiquei em silêncio. Por quase um minuto inteiro, um silêncio profundo durou, e ainda mais uma gota caiu, mas eu sabia, eu sabia infinita e indestrutivelmente e acreditava que tudo certamente mudaria agora. E então, de repente, meu túmulo se abriu. Ou seja, não sei se foi descoberto e escavado, mas fui levado por alguma criatura escura e desconhecida, e nos encontramos no espaço. De repente, recuperei a visão: era noite profunda e nunca, nunca antes houve tanta escuridão! Estávamos

correndo no espaço já longe da terra. Não perguntei a quem me carregava nada, esperei e fiquei orgulhoso. Assegurei-me de que não estava com medo e congelei de admiração ao pensar que não estava com medo. Não me lembro quanto tempo corremos, e não consigo imaginar: tudo aconteceu como sempre em um sonho, quando você salta sobre o espaço e o tempo e através das leis do ser e da razão e para apenas nos pontos sobre os quais o coração está sonhando. Lembro que de repente vi uma estrela no escuro. “É a Sirius?” – perguntei, repentinamente incapaz de resistir, pois não queria perguntar nada. – “Não, esta é a mesma estrela que você viu entre as nuvens, voltando para casa”, – respondeu-me a criatura que me levou embora. Eu sabia que tinha, por assim dizer, um rosto humano. Estranhamente, não gostei dessa criatura, até senti um nojo profundo. Esperei pelo nada perfeito e com isso me dei um tiro no coração. E aqui estou eu nas mãos de um ser, claro, não humano, mas que é, existe: “E, portanto, existe vida além-túmulo!” – Pensei com a estranha frivolidade de um sonho, mas a essência do meu coração ficou comigo em todas as suas profundezas: “E se eu tiver que ser de novo”, pensei, “e viver de novo pela vontade irreprimível de alguém, então eu não quero ser derrotado e humilhado!”. “Você sabe que tenho medo de você e por isso me despreza”, disse de repente ao meu companheiro, incapaz de me conter na pergunta humilhante, que era a confissão, e sentindo minha humilhação no coração como uma picada de alfinete. Ele não respondeu à minha pergunta, mas de repente senti que eles não me desprezavam, e não riam de mim, e nem mesmo se arrependiam de mim, e que nosso caminho tinha um objetivo desconhecido e misterioso, que dizia respeito só a mim. O medo estava crescendo em meu coração. Algo mudo, mas com angústia, foi comunicado a mim por meu companheiro silencioso e pareceu me penetrar. Corremos por espaços escuros e desconhecidos. Há muito deixei de ver as constelações familiares aos olhos. Eu sabia que existem tais estrelas nos espaços celestiais, a partir dos quais os raios atingem a Terra apenas por milhares e milhões de anos. Talvez já tenhamos voado nesses espaços. Eu estava esperando por algo em uma terrível angústia que torturou meu coração. E de repente



um sentimento familiar e altamente convidativo me abalou: de repente, vi nosso sol! Eu sabia que não poderia ser o nosso sol, que deu origem à nossa terra, e que estamos de nosso sol a uma distância infinita, mas por alguma razão, com todo o meu ser, aprendi que este é exatamente o mesmo sol que o nosso, sua repetição e seu duplo. Um sentimento doce e convidativo soou com deleite em minha alma: o poder nativo, da mesma luz que me fez nascer, ecoou em meu coração e o reviveu, e eu senti a vida, a velha vida, pela primeira vez depois de meu túmulo.

“Mas se este é o sol, se é exatamente o mesmo sol que o nosso”, gritei, “então onde está a terra?”. – E meu companheiro apontou para mim uma estrela que brilhava na escuridão com um brilho esmeralda. Corremos direto para ela.

– E é mesmo possível tais repetições no universo, tal lei natural?... E se esta é a terra ali, então é realmente a mesma terra que a nossa... exatamente a mesma, infeliz, pobre, mas querida e eternamente amada e tal, mas o amor doloroso que se dá à luz no mais ingrato até mesmo de seus filhos, como os nossos? – gritei, tremendo de amor irreprímível e entusiasta por aquela pátria que eu deixei. A imagem da pobre garota a quem eu havia ofendido passou diante de mim.

– Você verá tudo – respondeu meu companheiro, e alguma espécie de tristeza se ouviu em sua palavra.

Mas estávamos nos aproximando rapidamente do planeta. Foi crescendo nos meus olhos, eu já podia discernir o oceano, os contornos da Europa, e de repente um estranho sentimento de algum grande e santo ciúme acendeu-se no meu coração: “Como pode haver tal repetição e para quê? Amo, só posso amar a terra que deixei, na qual ficaram os salpicos do meu sangue, quando eu, ingrato, extingui a minha vida com um tiro no coração. Mas eu nunca, nunca deixei de amar aquela terra, e mesmo naquela noite, ao partir dela, eu, talvez, a amei mais dolorosamente do que nunca. Existe angústia nesta nova terra? Em nossa terra, podemos amar verdadeiramente apenas com tormento e apenas através do tormento! Não sabemos amar de outra forma e não conhecemos nenhum outro amor. Eu quero tormento para amar. Quero, tenho sede neste mesmo minuto de beijar, derramar

lágrimas, só aquela terra que me resta, e não quero, não aceito a vida em nenhuma outra!...”

Mas meu companheiro já me deixou. De repente, imperceptivelmente para mim, estava nesta outra terra à luz brilhante de um dia ensolarado, adorável como o paraíso. Eu estava de pé, ao que parece, em uma daquelas ilhas que constituem o arquipélago grego em nossas terras, ou em algum lugar na costa do continente adjacente a este arquipélago. Ó, tudo era exatamente igual ao nosso, mas, parecia, em todos os lugares brilhava com algum tipo de celebração de um grande triunfo sagrado finalmente alcançado. O gentil mar esmeralda salpicou silenciosamente as margens e os beijou com amor, óbvio, visível, quase consciente. Árvores altas e belas erguiam-se em todo o luxo de sua cor, e suas folhas incontáveis, estou convencido, me saudaram com seu ruído calmo e suave e, por assim dizer, proferiram algumas palavras de amor. A relva queimava com flores brilhantes e perfumadas. Os pássaros voaram em bandos no ar e, não tendo medo de mim, sentaram-se nos meus ombros e braços e me bateram alegremente com suas asas fofas e trêmulas. E finalmente, vi e reconheci o povo desta terra feliz. Eles próprios vieram até mim, eles me cercaram, me beijaram. Filhos do sol, filhos do seu próprio sol – ó, como eram lindos! Nunca vi tamanha beleza em uma pessoa em nossa terra. É apenas em nossos filhos, nos primeiros anos de sua idade, que se pode encontrar um vislumbre distante, embora tênue, dessa beleza. Os olhos dessas pessoas felizes brilharam com um brilho claro. Seus rostos brilhavam com inteligência e uma consciência já cheia de tranquilidade, mas esses rostos eram alegres; a alegria das crianças ressoou nas palavras e vozes dessas pessoas. Ah, imediatamente, à primeira vista em seus rostos, eu entendi tudo, tudo! Esta foi uma terra que não foi contaminada pela Queda, pessoas que não pecaram viviam nela, viviam no mesmo paraíso em que viviam, segundo as lendas de toda a humanidade, e de nossos pecadores ancestrais, com a única diferença de que a terra inteira aqui era em todos os lugares o mesmo paraíso. Essas pessoas, rindo com alegria, aproximaram-se de mim e me acariciaram; eles me levaram para o seu lugar, e cada um deles

queria me acalmar. Ah, não me perguntaram nada, mas como se já soubessem de tudo, assim me pareceu, e queriam afastar rapidamente o sofrimento do meu rosto.

#### IV

Veja você, de novo: bem, mesmo que fosse apenas um sonho! Mas o sentimento de amor dessas pessoas inocentes e lindas permaneceu em mim para sempre, e eu sinto que seu amor está derramando sobre mim a partir daí. Eu mesmo os vi, os conheci e me convenci, os amei, sofri por eles depois. Ó, eu percebi imediatamente, mesmo então, que de muitas maneiras eu não os entendia de forma alguma; para mim, como um moderno progressista russo e vil de Petersburgo, parecia insolúvel, por exemplo, que eles, sabendo tanto, não tivessem nossa ciência. Mas logo percebi que seu conhecimento estava sendo reabastecido e nutrido por outras percepções que não as que tínhamos na terra, e que suas aspirações também eram completamente diferentes. Eles não queriam nada e eram calmos, não se esforçavam para conhecer a vida da mesma forma que nós nos esforçamos para realizá-la, porque a vida deles foi reconstituída. Mas seu conhecimento era mais profundo e mais elevado do que o de nossa ciência; pois a nossa ciência procura explicar o que é a vida, ela mesma procura compreendê-la, a fim de ensinar os outros a viver; eles sabiam viver mesmo sem ciência, e eu entendia isso, mas não conseguia entender seu conhecimento. Eles apontaram suas árvores para mim, e eu não conseguia entender o grau de amor com que olhavam para eles: como se estivessem falando com criaturas de sua própria espécie. E sabe, talvez eu não esteja enganado se disser que falaram com eles! Sim, eles encontraram sua linguagem e estou convencido de que eles os compreenderam. Então eles olharam para toda a natureza – para os animais que viviam pacificamente com eles, não os atacavam e os amavam, derrotados pelo seu próprio amor. Eles me apontaram as estrelas e falaram sobre elas comigo sobre algo que eu não conseguia entender, mas estou convencido de

que de alguma forma eles entraram em contato com as estrelas celestiais, não apenas pelo pensamento, mas por algum meio vivo. Ah, essas pessoas não tentaram me fazer entendê-los, eles me amaram sem isso, mas por outro lado, eu sabia que eles nunca iriam me entender e, portanto, quase nunca falavam de nossa terra. Eu apenas beijei a terra em que eles viveram em sua presença, e sem palavras os adoraram, e eles viram isso e se deixaram adorar, não se envergonhando de que eu os adorasse, porque eles próprios amaram muito. Eles não sofreram por mim quando, em lágrimas, às vezes eu beijava seus pés, sabendo com alegria em meu coração com que força de amor eles me responderiam. Às vezes me perguntava surpreso: como eles poderiam, o tempo todo, não ofender alguém como eu e nunca despertar em alguém como eu o sentimento de ciúme e inveja? Muitas vezes me perguntei como poderia eu, fanfarrão e mentiroso, não lhes contar sobre o meu conhecimento, do qual, claro, eles não faziam ideia, não queria surpreendê-los, ou pelo menos apenas por amor a eles? Eles eram brincalhões e alegres como crianças. Eles vagaram por seus belos bosques e florestas, cantaram suas belas canções, comeram alimentos leves, os frutos de suas árvores, o mel de suas florestas e o leite de seus amados animais. Por seu alimento e por suas roupas, labutavam apenas um pouco e levemente. Eles tiveram amor e filhos nasceram, mas nunca notei neles as explosões daquela sensualidade cruel que atinge quase todos em nossa terra, todos e todos, e serve como a única fonte de quase todos os pecados de nossa humanidade. Eles se alegraram com seus filhos como novos participantes em sua bem-aventurança. Não havia brigas entre eles e não havia ciúme, e eles nem mesmo entendiam o que isso significava. Seus filhos eram filhos de todos, porque eram todos uma família. Quase não tinham doenças, embora houvesse morte; mas seus idosos morriam em silêncio, como se estivessem adormecendo, cercados por pessoas que se despediam deles, abençoavam-nos, sorriam para eles e eram guiados por seus sorrisos brilhantes. Ao mesmo tempo, não vi tristeza, lágrimas, mas havia apenas amor multiplicado, por assim dizer, para deleite, mas para um deleite calmo, pleno e contemplativo. Pode-se pensar que eles ainda

entraram em contato com seus mortos mesmo após sua morte, e que a unidade terrena entre eles não foi interrompida pela morte. Quase não me compreenderam quando lhes perguntei sobre a vida eterna, mas, aparentemente, estavam tão inconscientemente convencidos disso que isso não constituiu uma questão para eles. Eles não tinham templos, mas tinham algum tipo de união vital, viva e ininterrupta com o Todo o universo; eles não tinham fé, mas eles tinham um firme conhecimento de que quando sua alegria terrena fosse reabastecida até os limites da natureza terrena, então uma expansão ainda maior de contato com o Todo do universo viria para eles, tanto para os vivos quanto para os mortos. Esperaram esse momento com alegria, mas não com pressa, não sofrendo por isso, mas como se já o tivessem nos pressentimentos de seus corações, sobre os quais se comunicaram. À noite, indo para a cama, gostavam de compor coros consonantais e harmoniosos. Nessas canções, eles transmitiam todos os sentimentos que o dia que passava lhes trazia, elogiavam-no e despediam-se dele. Eles elogiaram a natureza, a terra, o mar, as florestas. Eles adoravam escrever canções um sobre o outro e elogiaram-se como crianças; essas eram as canções mais simples, mas elas saíam do coração e penetravam nos corações. Sim, e não nas canções de alguns, mas, ao que parecia, eles passavam a vida inteira apenas no fato de se admirarem. Era uma espécie de amor um pelo outro, completo, universal. Outras de suas canções, solenes e entusiasmadas, quase não entendi nada. Compreendendo as palavras, nunca consegui compreender seu significado completo. Permaneceram, por assim dizer, inacessível à minha mente, mas meu coração parecia ser penetrado por elas inexplicavelmente e cada vez mais. Muitas vezes lhes disse que já fazia muito tempo que tinha um pressentimento de tudo isso, que toda essa alegria e glória ainda se manifestavam para mim em nossa terra com uma saudade chorosa, às vezes alcançando uma tristeza intolerável; que tive um pressentimento de todos eles e de sua glória nos sonhos do meu coração e nos sonhos da minha mente, que muitas vezes não pude olhar, em nossa terra, o sol poente sem lágrimas... Isso no meu ódio pelo povo de nossa terra sempre houve saudade: por

que não posso odiá-los sem amá-los, por que não posso não perdoá-los, e em meu amor por eles anseio: por que não posso amá-los sem odiá-los? Eles me ouviram e vi que não podiam imaginar o que eu dizia, mas não me arrependi do que lhes disse: eu sabia que eles compreenderam toda a força do meu anseio por aqueles que eu havia deixado. Sim, quando eles me olharam com seus olhos doces e amorosos, quando senti que com eles meu coração se tornou tão inocente e verdadeiro quanto seus corações, então não me arrependi de não tê-los entendido. A sensação da plenitude da vida me tirou o fôlego e orei silenciosamente por eles.

Ó, todos agora estão rindo em meus olhos e me garantindo que mesmo em um sonho não se pode ver os detalhes que estou transmitindo agora, que em meu sonho eu vi ou senti apenas uma sensação, gerada por meu próprio coração em delírio, e eu já havia composto os detalhes ao acordar. E quando eu revelei a eles que talvez fosse realmente assim – Deus, que risada eles levantaram nos meus olhos e que graça eu lhes dei! Ó, sim, claro, fui derrotado por apenas uma sensação daquele sonho, e foi apenas uma que sobreviveu em meu coração ferido de sangue: mas por outro lado, as imagens e formas reais do meu sonho, isto é, aquelas que eu realmente vi na hora do meu sonho, estavam repletas de tal harmonia, eram tão charmosas e lindas, e eram tão verdadeiras que quando eu acordei, eu, claro, não consegui traduzi-las em nossas palavras fracas, então eles tiveram que, por assim dizer, desaparecer em minha mente e, portanto, de fato, talvez, inconscientemente, eu mesmo fui forçado a compor os detalhes mais tarde e, é claro, distorcê-los, especialmente com um desejo tão apaixonado meu de transmiti-los como o mais rápido possível e pelo menos de alguma forma. Mas então como posso não acreditar que tudo isso aconteceu? Foi, talvez, mil vezes melhor, mais brilhante e mais alegre do que estou dizendo a você? Que seja um sonho, mas tudo isso não poderia deixar de ser. Sabe, vou lhe contar um segredo: tudo isso, talvez, nem tenha sido um sonho! Pois algo aconteceu aqui, algo tão terrivelmente verdadeiro que não poderia ter sido sonhado em um sonho. Que meu sonho gerasse meu coração, mas só meu coração poderia dar

à luz aquela terrível verdade que mais tarde me aconteceu? Como eu poderia inventá-lo sozinho ou sonhar com meu coração? Será que meu coração raso e minha mente caprichosa e insignificante chegaram a tal revelação da verdade! Ó, julguem por si mesmos: eu escondi até agora, mas agora vou acabar com essa verdade. O que acontece é que eu... corrompi todos eles!

## V

Sim, sim, acabei corrompendo todos eles! Como isso pode ter acontecido - eu não sei, não me lembro com clareza. O sonho voou através dos milênios e deixou em mim apenas o sentimento do todo. Só sei que fui a causa da Queda. Como uma triquina nojenta, como um átomo de peste infectando estados inteiros, então eu infectei comigo mesmo toda esta terra feliz e sem pecado diante de mim. Eles aprenderam a mentir e se apaixonaram por mentiras e aprenderam a beleza das mentiras. Ah, pode ter começado inocentemente, com uma brincadeira, com coquetismo, com um jogo de amor, na verdade, talvez com um átomo, mas esse átomo de mentiras penetrava em seus corações e os agradava. A volúpia logo nasceu, a volúpia deu lugar ao ciúme, ao ciúme - à crueldade... Ah, não sei, não me lembro, mas logo, muito em breve, o primeiro sangue espirrou: eles ficaram surpresos e horrorizados e começaram a se dispersar, a se separar. Apareceram alianças, mas já umas contra as outras. Repreensões e reprovações começaram. Eles reconheceram a vergonha e fizeram da vergonha uma virtude. O conceito de honra nasceu e cada sindicato ergueu sua bandeira. Eles começaram a atormentar os animais, e os animais se afastaram deles para as florestas e se tornaram seus inimigos. Uma luta começou pela separação, pelo isolamento, pela personalidade, pela minha e pela sua. Eles começaram a falar em línguas diferentes. Eles conheceram a tristeza e se apaixonaram pela tristeza, ansiavam pelo tormento e diziam que a verdade só é alcançada por meio do tormento. Então a ciência apareceu para eles. Quando eles ficaram com raiva, eles começaram a falar

sobre fraternidade e humanidade e entenderam essas ideias. Quando se tornaram criminosos, eles inventaram a justiça e prescreveram códigos inteiros para si mesmos para preservá-la e, para garantir os códigos, montaram uma guilhotina. Eles mal se lembravam de que haviam perdido, nem mesmo queriam acreditar que um dia foram inocentes e felizes. Eles até riram da possibilidade dessa felicidade anterior e a chamaram de sonho. Eles não podiam nem imaginá-la em formas e imagens, mas, uma coisa estranha e maravilhosa: tendo perdido toda a fé na felicidade anterior, chamando-a de conto de fadas, eles queriam tanto ser inocentes e felizes novamente, de novo, que caíram antes o desejo de seu coração, à medida que as crianças deificavam esse desejo, montavam igrejas e começavam a rezar à sua própria ideia, ao seu próprio “desejo”, ao mesmo tempo acreditando plenamente na sua impraticabilidade, mas adorando-a com lágrimas. E, no entanto, se ao menos pudessem voltar àquele estado inocente e feliz que perderam, e se alguém de repente lhes mostrasse de novo e lhes perguntasse: eles querem voltar para ele? – provavelmente teriam recusado. Eles me responderam: “Sejamos enganosos, maus e injustos, sabemos disso e choramos sobre isso, e nos torturamos por isso nós mesmos, e nos torturamos e punimos mais do que, talvez, aquele misericordioso Juiz que nos julgará e cujo nome não sabemos. Mas temos ciência e, por meio dela, encontraremos a verdade novamente, mas a aceitaremos conscientemente. O conhecimento é superior ao sentimento, a consciência da vida é superior à vida. A ciência nos dará sabedoria, a sabedoria revelará as leis e o conhecimento das leis da felicidade é superior à felicidade”. Foi o que disseram, e depois de tais palavras, cada um se amava mais do que qualquer outra pessoa, e não poderiam ter agido de outra forma. Cada um ficou com tanto ciúme de sua personalidade que tentou com todas as suas forças apenas humilhá-la e menosprezá-la nos outros, e nisso entregou sua vida. A escravidão apareceu, até a escravidão voluntária apareceu: os fracos se submetiam de boa vontade aos mais fortes, para que os ajudassem a esmagar os mais fracos do que eles próprios. Apareceram os justos que vieram a essas pessoas com lágrimas e lhes contaram sobre seu orgulho,



sobre a perda de proporção e harmonia, sobre a perda da vergonha. Eles foram ridicularizados ou apedrejados até a morte. Sangue sagrado fluía nas portas dos templos. Mas começaram a aparecer pessoas que começaram a inventar: como reunir todos novamente para que todos, sem deixar de se amar mais do que os outros, ao mesmo tempo não interfiram com ninguém, e assim todos vivam juntos, por assim dizer, em uma sociedade harmoniosa. Guerras inteiras foram levantadas por causa dessa ideia. Todos os lutadores acreditavam firmemente ao mesmo tempo em que ciência, sabedoria e senso de autopreservação forçariam finalmente uma pessoa a se unir em uma sociedade harmoniosa e razoável e, portanto, até agora, a fim de acelerar as coisas, o “sábio” tentou exterminar rapidamente todos os” insensatos “e não entendeu sua ideia, para que não interferissem em seu triunfo. Mas o senso de autopreservação começou a enfraquecer rapidamente, apareceu arrogante e voluptuoso, que diretamente exigia tudo ou nada. Para adquirir tudo, recorreram à vilania e, se não conseguiram, recorreram ao suicídio. As religiões surgiram com um culto à inexistência e autodestruição em prol do descanso eterno na insignificância. Enfim, essas pessoas se cansaram do trabalho sem sentido, e o sofrimento apareceu em seus rostos, e essas pessoas proclamaram que sofrimento é beleza, pois no sofrimento só existe o pensamento. Eles cantaram sofrimento em suas canções. Andei entre eles, torcendo as mãos, e chorei por eles, mas os amei, talvez até mais do que antes, quando não havia sofrimento em seus rostos e quando eram inocentes e tão bonitos. Amei sua terra profanada por eles ainda mais do que quando era o paraíso, só porque a dor apareceu nela. Sempre amei a dor e a tristeza, mas apenas por mim, por mim e por eles chorei, sentindo pena deles. Eu estendi minhas mãos para eles, em desespero acusando, xingando e me desprezando. Disse-lhes que fiz tudo isso, estou sozinho, que lhes trouxe devassidão, infecção e mentira! Implorei-lhes que me crucificassem na cruz, ensinei-lhes como fazer uma cruz. Eu não podia, não era capaz de me matar, mas queria aceitar o tormento deles, ansiava por tormento, ansiava por meu sangue se derramar nesses tormentos. Mas eles apenas riram de mim e começaram a

me considerar um idiota sagrado. Eles me justificaram, disseram que receberam apenas o que eles próprios desejavam e que tudo o que é agora não poderia deixar de ser. Finalmente, eles me anunciaram que eu estava me tornando perigoso para eles e que me colocariam em um manicômio se eu não calasse a boca. Então a tristeza entrou em minha alma com tanta força que meu coração ficou envergonhado, e eu senti que ia morrer, e então... bem, aqui eu acordei.

Já era de manhã, isto é, ainda não amanhecia, mas eram cerca de seis horas. Acordei nas mesmas cadeiras, minha vela apagada, o capitão estava dormindo e em volta havia um raro silêncio em nosso apartamento. A primeira coisa que fiz foi pular de extrema surpresa; nunca me aconteceu nada assim, nem mesmo às ninharias e insignificâncias: nunca antes adormeci, por exemplo, assim nas minhas cadeiras. De repente, enquanto eu estava de pé e voltando aos meus sentidos, de repente meu revólver brilhou na minha frente, pronto, carregado, mas em um instante eu o empurrei para longe de mim! Ó, agora vida e vida! Eu levantei minhas mãos e clamei pela verdade eterna; não chamou, mas chorou; deleite, deleite incomensurável ergueu todo o meu ser. Sim, vida e – um sermão! Decidi pregar no mesmo momento e, claro, pelo resto da minha vida! Eu vou pregar, eu quero pregar – o quê? Verdade, porque eu vi, vi com meus próprios olhos, vi toda a sua glória!

E desde então tenho pregado! Além disso, amo todos que riem de mim mais do que qualquer outra pessoa. Por que isso é assim – eu não sei e não posso explicar, mas deixe ser assim. Dizem que já estou confuso agora, ou seja, como estou tão confuso agora, o que vai acontecer a seguir? A verdade é verdade: estou confuso e, talvez, vá piorar ainda mais. E, claro, vou me perder várias vezes até descobrir como pregar, ou seja, com que palavras e com que ações, porque é muito difícil cumprir. Afinal, posso ver tudo isso como se fosse de dia, mas escutem: quem não se perde! E ainda, afinal, todos vão para o mesmo, pelo menos todos lutam para o mesmo, do sábio ao último ladrão, apenas por caminhos diferentes. É uma velha verdade, mas aqui está o que há de novo: eu realmente não posso me perder. Porque vi a

verdade, vi e sei que as pessoas podem ser bonitas e felizes sem perder a capacidade de viver na terra. Não quero e não posso acreditar que o mal era o estado normal das pessoas. Mas todos eles riem apenas dessa minha crença. Mas como posso não acreditar: eu vi a verdade – não apenas inventada com minha mente, mas vi, vi, e sua imagem viva encheu minha alma para sempre. Eu a vi em um todo tão reabastecido que não posso acreditar que as pessoas não pudessem tê-la. Então, como vou me perder? Vou fugir, claro, várias vezes e até falarei, talvez, com palavras de outras pessoas, mas não por muito tempo: a imagem viva do que vi estará sempre comigo e sempre me corrigirá e guiará. Ó, estou acordado, estou fresco, vou, vou, e mesmo por mil anos. Sabe, eu até queria esconder no início que havia corrompido todos eles, mas isso foi um erro – este é o primeiro erro! Mas a verdade sussurrou para mim que eu estava mentindo, e me protegeu e guiou. Mas não sei como arranjar o paraíso, porque não sei transmitir em palavras. Depois do meu sono, perdi minhas palavras. Pelo menos todas as palavras principais, as mais necessárias. Mas deixe-as: irei e falarei tudo, incansavelmente, porque vi com meus próprios olhos, embora não seja capaz de contar o que vi. Mas é isso que os zombadores não entendem: “Um sonho, dizem, viu, delírio, alucinação”. Eh! É realmente sensato? E eles estão tão orgulhosos! Sonho? O que é um sonho? Nossa vida não é um sonho? Direi mais: deixe, deixe nunca se tornar realidade e nunca ser o paraíso (afinal, eu já entendo isso!), – bem, eu vou pregar do mesmo jeito. E, no entanto, é tão simples: em um dia, em uma hora – tudo estaria resolvido imediatamente! O principal é amar os outros como a si mesmo, isso é o principal, e isso é tudo, absolutamente nada mais é necessário: você descobrirá imediatamente como se instalar. E, no entanto, isso é apenas – uma velha verdade, que foi repetida e lida um bilhão de vezes, mas não tem funcionado! “A consciência da vida é superior à vida, o conhecimento das leis da felicidade é superior à felicidade” – é contra isso que devemos lutar! E será. Se todos quiserem, então tudo ficará bem agora.

E eu encontrei aquela garotinha ... E eu irei! E eu irei!

# Das caminhadas de férias de Kuzma Prutkov e seu amigo

Ontem, 27 de julho, na Ilha Yelagin ao pôr do sol, em um adorável momento de silêncio, todo o público ambulante da alta sociedade foi uma testemunha involuntária de uma divertida aventura. Uma salamandra surgiu na superfície do lago, em águas russas, com cabelos verdes úmidos na cabeça e na barba, e, mantendo-se nas ondas, começou a brincar e a fazer várias coisas. Ela mergulhou, gritou, riu, salpicou com água, bateu com seus longos e fortes dentes verdes, trincando-os em público. Sua aparência causava a impressão usual em tais casos. As damas correram até ela de todos os lados para alimentá-la com doces, estendendo seus bombons para ela. Mas a criatura mitológica, mantendo o caráter milenar do sátiro da água, começou a fazer movimentos corporais tais na frente das damas que todas correram dela com gargalhadas estridentes, escondendo atrás de si suas filhas mais crescidas, para as quais o tritão, vendo isso, gritou atrás delas várias expressões muito, mas muito pouco cerimoniais, que aumentaram a alegria. No entanto, ela logo desapareceu, deixando apenas alguns círculos de água na superfície da água e espanto do público. Eles começaram a duvidar e descreer, embora vissem com seus próprios olhos – é claro, os homens, enquanto as mulheres todas defendiam o fato de que era uma salamandra de verdade, assim como fazem em um relógio de mesa de bronze. Alguns expressaram a ideia de que era como uma espécie de Pierre Bobo<sup>3</sup>, que veio à tona pela originalidade. Claro, a suposição não resistiu, porque Pierre Bobo certamente teria aparecido em um fraque – e na cauda, mesmo que molhado. O tritão era exatamente como as estátuas antigas andavam, ou seja, sem a menor vestimenta. Mas apareceram céticos que até começaram a afirmar que todo o incidente não passava de uma alegoria política e está intimamente ligado à

---

<sup>3</sup>Pseudônimo de Pyotr Dmitrievich Boborykin (1836 -1921) – N.T.

questão oriental, que só agora foi resolvida no Congresso de Berlim.

Por vários minutos, até mesmo a ideia de que essas coisas eram inglesas e que tudo isso estava sendo feito pelo mesmo grande judeu<sup>4</sup> para os interesses britânicos com o astuto propósito de distrair nosso público, a começar pelas mulheres, com uma série de fotos esteticamente desobedientes do entusiasmo guerreiro. Imediatamente, no entanto, surgiram objeções com base no fato de que Lord Beaconsfield está agora no exterior, que agora está sendo saudado em Londres e que há muita honra para nós, ursos russos, subir no lago russo para o prazer estético de nossas damas para fins políticos, que ele já tinha uma senhora sua em Londres, e assim por diante. Mas a cegueira e a empolgação de nossos diplomatas são imparáveis: eles começaram a gritar que, se não o próprio Beaconsfield, então por que não o Sr. Poletika, o editor de *Birzhevye vedomosti*<sup>5</sup>, faminto de paz, e que era ele quem poderia ter sido escolhido pelo Britânico para representar a salamandra. Mas tudo isso desmoronou rapidamente na consideração de que embora o Sr. Poletika, talvez, seja capaz de movimentos corporais, mas ainda sem graça antiga suficiente, por causa da qual tudo está perdoado e só isso poderia seduzir nossos residentes de verão. Além disso, chegou um cavalheiro que acabara de anunciar que Poletika fora visto na mesma hora, no extremo oposto de Petersburgo, em um só lugar. Assim, a suposição de uma salamandra antiga voltou à tona, apesar do fato de que a própria salamandra há muito estava na água. O mais notável é que as mulheres estavam especialmente por trás da antiguidade e da mitologia da salamandra. Elas realmente queriam isso, é claro, para encobrir a franqueza de seu gosto, por assim dizer, com o classicismo de seu conteúdo. Assim, colocamos estátuas totalmente despidas em nossos quartos e jardins, justamente por serem mitológicas e, portanto, clássicas, antiguidades, e, no entanto, não pensaríamos em colocar, por

---

<sup>4</sup>Lord Beaconsfield, é claro - N.A.

<sup>5</sup>Foi um jornal político, econômico e literário russo, publicado em São Petersburgo em 1861-1879 – N.T.

exemplo, servos nus em vez de estátuas, o que mais poderia ter sido feito em tempos de servidão; mesmo agora é possível, e tanto mais cedo que os servos façam tudo isso não só não pior, mas ainda melhor do que as estátuas, porque em todo o caso são mais naturais. Lembre-se da tese sobre uma maçã natural e uma maçã desenhada. Mas como não haverá mitologia, isso é impossível. A disputa foi tão longe na base da arte pura que, dizem, foi mesmo a causa de várias brigas familiares entre maridos com suas metades bonitas, que representavam a arte pura, em oposição à orientação política e moderna, que seus maridos viram em um fato consumado. Neste último sentido, a opinião de nosso famoso satírico, Sr. Shchedrin, teve um sucesso especial e quase colossal. Tendo estado ali para dar um passeio, ele não acreditou na salamandra e, eles me disseram, queria incluir o episódio inteiro na próxima edição de Notas da Pátria na seção de Moderação e Precisão. O visual do nosso humorista é muito sutil e extremamente original: ele acredita que a salamandra emergente está simplesmente disfarçada, ou, melhor dizendo, despida, trimestralmente, destacada mesmo antes do início da temporada, imediatamente após nossa agitação de primavera em Petersburgo, por todo o verão na lagoa da ilha Yelagin, em cujas margens há tantos residentes de verão, para espionar na água conversas criminosas, se houverem. Esse palpite causou uma impressão incrível, de modo que até mesmo as mulheres pararam de discutir e pensar. Felizmente, nosso famoso romancista histórico, Sr. Mordovtsev, que estava ali mesmo, relatou um fato histórico da história de nossa Palmira do Norte, desconhecido por ninguém, esquecido por todos, mas do qual se descobriu que a criatura emergente era uma verdadeira salamandra e, além disso, completamente antiga. De acordo com as informações do Sr. Mordovtsev obtidas de manuscritos antigos, este mesmo tritão foi trazido para São Petersburgo durante a época de Anna Mons, a única coisa para agradar a quem Pedro, como o Sr. Mordovtsev sabe, fez sua grande reforma. O antigo monstro foi trazido com dois anões, que estavam em extrema moda, e o bobo da corte Balakirev. Tudo isso foi trazido da cidade alemã de Karlsruhe. Tritão, por outro lado, estava em uma banheira com água

Karlsruai para que ao ir ao lago Yelagin encontre imediatamente o elemento que o acompanha. Mas quando a banheira Karlsruai foi jogada na lagoa, a salamandra malvada e zombeteira, apesar do fato de ter sido pago tão caro por ela, mergulhou na água e nunca apareceu na superfície, então todos se esqueceram dela até julho deste ano, quando ela de repente, por algum motivo, decidiu lembrar-se de si mesma. Em lagos, elas podem viver felizes para sempre por vários séculos. Nunca uma mensagem erudita foi recebida pelo público com tanto entusiasmo como esta. Mais tarde, cientistas naturais russos vieram correndo, alguns até de outras ilhas: Srs. Sechenov, Mendeleev, Beketov, Butlerov e tutti quanti. Mas eles encontraram apenas os círculos mencionados na água e aumentaram o ceticismo. É claro que eles não sabiam o que decidir e permaneceram perdidos, negando o fenômeno por precaução. Um professor de zoologia muito erudito merecia a simpatia de todos: ele veio correndo mais tarde do que todos, mas em total desespero. Ele correu para todos, perguntou pela salamandra com ganância e quase chorou que não iria vê-la e que a zoologia e a luz haviam perdido tal assunto! Mas os policiais ao redor responderam ao nosso zoólogo sem saber, os militares riram, os corretores o desprezaram e as senhoras, como chocalhos, cercaram o professor, informando-o apenas sobre seus movimentos, de modo que nosso modesto cientista foi finalmente forçado a fechar as suas orelhas com as mãos. O infeliz professor enfiou o bastão na água perto do local onde a salamandra havia desaparecido, jogou pedrinhas, gritou: “Cuz, morde, lhe darei açúcar!”. Tudo em uma linda noite de verão, o sol poente, banheiros cobertos de mulheres, uma doce expectativa de paz em todos os corações, e você pode terminar de pintar o quadro todo sozinho. É notável que a salamandra tenha pronunciado as várias palavras altamente obscenas que disse na mais pura língua russa, apesar do fato de ser alemã de origem e, além disso, também ter nascido em algum lugar da antiga Atenas junto com o então Minerva. Quem o ensinou em russo – essa é a questão? Sim, senhor, eles estão começando a estudar a Rússia na Europa! Ao menos, ela ressuscitou a sociedade, que adormeceu ao som da guerra, que adormeceu a

todos, e a despertou para questões internas. E obrigado por isso! Nesse sentido, não se deve querer um, mas vários tritões, e não apenas no Neva, mas também no rio Moscou<sup>6</sup> e em Kiev, e em Odessa, e em todos os lugares, mesmo em todas as aldeias. Nesse sentido, elas poderiam até ser criados de propósito: deixar a sociedade acordar, deixá-los flutuar... Mas chega, chega! O futuro está à frente. Respiramos um novo ar com um seio totalmente novo, sedentos por perguntas, então talvez tudo isso se resolva sozinho... junto com as finanças russas.

(Relatado). Um amigo de Kuzma Prutkov.

---

<sup>6</sup>Especialmente neste rio – N.A.



## Dois suicídios

Recentemente, uma vez passei a falar com um de nossos escritores (um grande artista) sobre o comismo na vida, sobre a dificuldade de definir o fenômeno, de chamá-lo de uma palavra real. Eu tinha acabado de perceber para ele antes que eu, quase quarenta anos conhecendo “Ai da Mente”, só este ano entendi como seguir um dos tipos mais brilhantes desta comédia, Molchalin, e percebi exatamente quando ele, isto é, este escritor com quem falei, me explicou Molchalin, subitamente trazendo-o para fora em um de seus ensaios satíricos (eu vou falar sobre Molchalin algum dia, o tema é notável).

“E você sabe”, meu interlocutor de repente me disse, aparentemente há muito tempo e profundamente impressionado com sua ideia, “você sabe que não importa o que você escreva, não importa o que você traga à tona, não importa o que você diga em uma obra de arte, você nunca será igual à realidade. O que quer que você olhe, tudo será mais fraco do que realmente é. Você acha que conseguiu no trabalho do mais cômico no fenômeno conhecido da vida, pegou o lado mais feio dele – nem um pouco! A realidade irá imediatamente apresentar a você no mesmo tipo de fase que você ainda não ofereceu e excedendo tudo o que poderia criar sua própria observação e imaginação!..

Eu sei disso desde o 46º ano, quando comecei a escrever, e talvez até antes, e esse fato tem me espantado repetidamente e me deixou perplexo com a utilidade da arte com tamanha impotência aparente. De fato, siga outro, mesmo que não, à primeira vista o fato da vida real – e se ao menos você puder e ter um olho, você encontrará nele profundidade, que Shakespeare não tem. Mas essa é a pergunta: de quem é o olho e quem pode? Para outro observador, todos os fenômenos da vida são mantidos na simplicidade mais tocante e é claro que não há nada para pensar, nem mesmo o que não vale a pena olhar. O outro observador, os mesmos fenômenos, às vezes se preocupa que (acontece mesmo frequentemente) – incapaz de finalmente generalizá-los e simplificá-los, puxá-los em linha reta e se acalmar

– ele recorre a outro tipo de simplificação e simplesmente coloca uma bala em sua testa para extinguir sua mente cansada junto com todas as perguntas de uma só vez. São apenas duas anti-emoções, mas entre elas todo o significado humano é colocado. Mas, é claro, nunca vamos esgotar todo o fenômeno, não chegar ao fim e iniciá-lo. Conhecemos apenas a corrente visível mais urgente, e até mesmo esse olhar, e os fins e começos – ainda é fantástico para uma pessoa.

A propósito, um dos meus respeitados correspondentes me contou no verão sobre um estranho e não resolvido suicídio, e eu ainda queria falar sobre isso. Este enigma, é claro, eu tentei resolver algo na propriedade da natureza humana, de modo a “parar e acalmar” em algo. Suicídio – uma jovem de 23 ou 4 anos não mais, filha de um famoso imigrante russo e nascido no exterior, russa de sangue, mas quase não em tudo russa na educação. Os jornais parecem tê-la mencionado vagamente na época, mas os detalhes são muito curiosos: “Ela molhou a lã de algodão com clorofórmio, amarrou o rosto e deitou-se na cama... Ela morreu. Antes de morrer, ela escreveu a seguinte nota:

“Je m'en vais entreprendre un longa viagem. Si cela ne réussit pas qu'on se rassemble pour fêter ma résurrection avec du Cliquot. Si cela réussit, je prie qu'on ne me laisse enterrer que tout à fait morte, puisqu'il est très désagréable de se réveiller dans un cercueil sous terra. Ce n'est pas Chic!”

Em nosso idioma:

“Estou fazendo uma longa jornada. Se o suicídio falhar, que todos celebrem minha ressurreição dos mortos com óculos de clique. E se for bem sucedido, só peço que me enterraram, convencidos de que estou morta, porque é muito desagradável acordar em um caixão no subsolo. Nem vai ser ótimo!”

Neste desagradável, rudemente chique, na minha opinião, você ouve que um chamado pode ser uma indignação, malícia – mas o quê? Apenas naturezas rudes se exterminam por suicídio apenas por uma razão material, visível, externa, e o tom da nota mostra que ela não poderia ter tal razão para o que poderia ter

sido a indignação?.. À simplicidade do presente, à incontinência da vida? Estes são aqueles muito famosos, juízes e negadores da vida, indignados com a “estupidez” da aparência do homem na terra, sobre a aleatoriedade estúpida desta aparência, sobre a tirania da causa oblíqua, com a qual não se pode reconciliar? Aqui você ouve a alma que está indignada contra a “franqueza” dos fenômenos, você não carregava essa franqueza, relatada a ela na casa de seu pai desde a infância. E a coisa mais feia é que, é claro, ela morreu sem dúvidas distintas. Dúvida consciente, as chamadas perguntas, muito provavelmente, não estava em sua alma; tudo o que tinha sido ensinado a ela desde a infância, ela acreditava diretamente, em sua palavra, e isso é a maior verdade de todas. Então, acabou de morrer de “escuridão fria e tédio”, com sofrimento, por assim dizer, como animal e inexplicável, apenas se tornou abafado para viver, como se o ar estivesse faltando. A alma não suportava a franqueza da inexplicável demanda de algo mais complexo...

Há um mês, várias linhas curtas em letras pequenas apareceram em todos os jornais de Petersburgo sobre um suicídio de Petersburgo: uma pobre jovem, uma costureira, se atirou de uma janela, do quarto andar, “porque não conseguia encontrar trabalho para se alimentar”. Foi adicionado que ela se jogou para fora e caiu no chão, segurando a imagem em suas mãos. Esta imagem em mãos é um traço estranho e inédito no suicídio! Isso é algum tipo de suicídio manso e humilde. Aqui, aparentemente, não houve murmúrio ou censura: simplesmente... tornou-se impossível viver. “Deus não quis” e... ela morreu, depois de orar. Outras coisas, por mais simples que pareçam, não param de pensar por muito tempo, parecem de alguma forma, e até como se você fosse o culpado por elas. Esta alma mansa e autoexterminada atormenta involuntariamente o pensamento. Foi essa morte que me lembrou o suicídio da filha do emigrante, que me foi relatado no verão. Mas o que, no entanto, são duas criaturas diferentes, exatamente ambas de dois planetas diferentes! E que duas mortes diferentes! E qual dessas almas sofreu mais na terra, se apenas essa pergunta ociosa fosse decente e permissível?

## Frase

A propósito, aqui está um raciocínio de um suicídio por tédio, é claro, um materialista:

“Na verdade, que direito tinha essa natureza de me trazer ao mundo, devido a algumas de suas leis eternas? Fui criado com consciência e tinha consciência dessa natureza; que direito ela tinha de me produzir, sem minha vontade de saber? Consciente, portanto, de sofrer, mas não quero sofrer – pois por que concordaria em sofrer? A natureza, por meio da minha consciência, me anuncia algum tipo de harmonia em geral. A consciência humana fez religiões a partir dessa proclamação. Ela me diz que embora eu saiba muito bem que não posso e nunca irei participar da “harmonia do todo”, e não a entendo de forma alguma, o que isso significa, mas que ainda tenho que me submeter a esta proclamação, e dever aceitar, aceitar o sofrimento em vista da harmonia em geral e concordar em viver. Mas se eu escolher deliberadamente, então, é claro, preferiria ser feliz apenas naquele momento enquanto eu existir, e não tenho absolutamente nada a ver com o todo e sua harmonia depois que eu for destruído – esse todo com harmonia permanecerá na luz depois de mim ou será destruído imediatamente comigo. E por que eu deveria estar tão preocupado em preservá-lo depois de mim – essa é a questão? Seria melhor se eu fosse criado como todos os animais, isto é, vivo, mas não conscientemente consciente de mim mesmo; minha consciência não é precisamente harmonia, mas, ao contrário, desarmonia, porque estou infeliz com ela. Olha quem é feliz no mundo e que tipo de pessoa concorda em viver? Apenas aqueles que são semelhantes aos animais e estão mais próximos de seu tipo de acordo com o pequeno desenvolvimento de sua consciência. Eles concordam em viver de boa vontade, mas justamente sob a condição de viverem como animais, ou seja, comer, beber, dormir, fazer ninho e criar filhos. Comer, beber e dormir de maneira humana significa lucrar e saquear, e construir um ninho é principalmente saquear. Talvez me venham a objetar que é possível estabelecer-se e

construir um ninho com base em princípios sociais razoáveis e cientificamente corretos, e não por roubo, como tem sido até agora. Deixe, e eu peço o quê? Por que se estabelecer e se esforçar tanto para se estabelecer na sociedade de pessoas de maneira correta, razoável e moralmente certa? Para isso, é claro, ninguém pode me dar uma resposta. Tudo o que eles puderam me responder é: “para obter prazer”. Sim, se eu fosse uma flor ou uma vaca, teria gostado. Mas, fazendo, como agora, perguntas a mim mesmo incessantemente, não posso ser feliz, mesmo com a felicidade mais elevada e imediata do amor ao próximo e do amor à humanidade por mim, pois sei que amanhã tudo isso será destruído: ambos eu e tudo, esta felicidade, e todo o amor, e toda a humanidade – vamos nos transformar em nada, no caos anterior. E sob tal condição eu nunca poderei aceitar qualquer felicidade – não por relutância em concordar em aceitá-la, não por alguma teimosia por causa de um princípio, mas simplesmente porque eu não serei e não posso ser feliz sob a condição do zero iminente amanhã. Este é um sentimento, é um sentimento imediato e não posso superá-lo. Bem, mesmo se eu morresse, e apenas a humanidade permaneceria em meu lugar para sempre, então talvez eu ainda fosse consolado. Mas, afinal, nosso planeta é impermanente, e o tempo da humanidade é o mesmo que é para mim. E não importa o quão inteligente, alegre, justa e sagrada a humanidade esteja estabelecida na terra, tudo isso também será igualado amanhã ao mesmo zero. E embora por alguma razão seja necessário lá, de acordo com algum tipo de leis onipotentes, eternas e mortas da natureza, mas acredito que este pensamento contém algum desrespeito mais profundo pela humanidade, profundamente ofensivo para mim e tanto mais insuportável que não haja um para culpar.

E, finalmente, mesmo que pudéssemos assumir este conto de fadas sobre um homem finalmente arranjado na terra em bases razoáveis e científicas – talvez acreditando nisso, acreditando na felicidade futura das pessoas – então pensava-se que a natureza precisava, de acordo com algumas leis inertes dela, torturar um homem do milênio antes de trazê-lo a essa felicidade, o simples pensamento disso já é insuportavelmente ultrajante. Agora

acrescente o fato de que a mesma natureza, que finalmente permitiu a uma pessoa a felicidade, por algum motivo precisa tornar tudo isso amanhã a zero, apesar de todo o sofrimento que a humanidade pagou por essa felicidade e, o mais importante, de forma alguma escondendo de mim e da minha consciência, como ela se escondeu da vaca, involuntariamente vem à mente um pensamento extremamente engraçado, mas insuportavelmente triste: “Bem, e se uma pessoa fosse lançada ao solo na forma de algum tipo de teste impudente, só para ver se tal criatura na terra ou não?”. A tristeza desse pensamento, o principal é que, novamente, não há ninguém para culpar, ninguém que tenha testado, ninguém para amaldiçoar, mas tudo aconteceu de acordo às leis mortas da natureza, completamente incompreensíveis para mim, com as quais minha consciência não poderia, é impossível concordar.

– Já que às minhas perguntas sobre a felicidade, através da minha própria consciência, recebo da natureza apenas a resposta de que só posso ser feliz na harmonia do todo, que não entendo, e é óbvio para mim, e nunca poderei entender;

– Já que a natureza não só não reconhece meu direito de pedir contas a ela, mas nem mesmo me responde – e não porque ela não queira, mas porque ela não pode responder;

– Já que estava convencido de que a natureza, para responder às minhas perguntas, me intentou (inconscientemente) a mim mesmo e me responde com minha própria consciência (porque eu mesmo digo tudo isso a mim mesmo).

Pois, enfim, com este despacho, assumo ao mesmo tempo o papel de autor e réu, réu e juiz, e considero essa comédia, do lado da natureza, completamente estúpida, e até a considero humilhante.

Que, na minha indubitável qualidade de demandante e réu, juiz e réu, eu concedo esta natureza, que tão sem cerimônia e descaradamente me fez sofrer, – junto comigo à destruição... E como eu não posso destruir a natureza, eu a destruo sozinho, apenas por tédio para suportar uma tirania da qual não há ninguém para culpar”.

O menino na árvore de Natal de Cristo, e outras histórias.

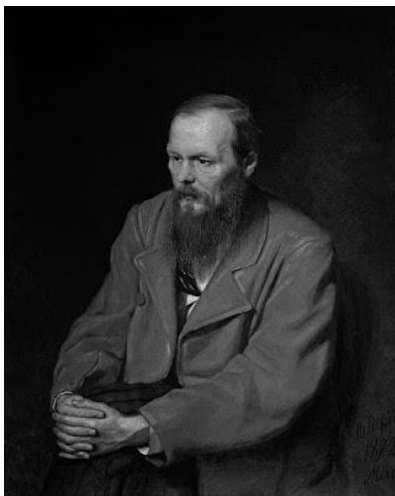
# Fiódor Dostoiévski

**Fiódor Mikhaylovich Dostoiévski** (1821 – 1881) romancista e escritor de contos russos, cuja penetração psicológica nos mais escuros recessos do coração humano, juntamente com seus insuperáveis momentos de iluminação, tiveram uma imensa influência na ficção do século XX.

Dostoiévski é geralmente considerado um dos melhores romancistas que já viveu. O modernismo literário, o existencialismo e várias escolas de psicologia, teologia e crítica literária foram profundamente moldadas por suas ideias. Suas obras são frequentemente chamadas de proféticas porque ele previu com precisão como os revolucionários da Rússia se comportariam se chegassem ao poder. Em seu tempo, ele também era conhecido por sua atividade como jornalista.

Ao contrário de muitos outros escritores russos da primeira parte do século XIX, Dostoiévski não nasceu na pequena nobreza rural. Muitas vezes ele enfatizava a diferença entre seu passado e o de Leon Tolstói ou Ivan Turgenev e o efeito dessa diferença em seu trabalho. Primeiro, Dostoiévski estava sempre precisando de dinheiro e teve que apressar seus trabalhos para publicação. Embora ele tenha se queixado de que escrever contra um prazo o impediu de atingir seus plenos poderes literários, é igualmente possível que seu frenético estilo de composição tenha emprestado a seus romances uma energia que permaneceu como parte de seu apelo. Em segundo lugar, Dostoiévski observava com frequência que, diferentemente dos escritores da nobreza que descreviam a vida familiar de sua própria classe, moldada por “belas formas” e tradições estáveis, ele explorou as vidas de “famílias acidentais” e de “insultados e humilhados”.

O nome de Dostoiévski tornou-se sinônimo de profundidade psicológica. Por gerações, a profundidade e a contradição de seus heróis fizeram com que as teorias psicológicas sistemáticas parecessem superficiais em comparação. Muitos teóricos (mais notavelmente Freud) tentaram reivindicar Dostoiévski como antecessor. Seu senso de





maldade e seu amor pela liberdade tornaram Dostoiévski especialmente relevante para um século de guerras mundiais, assassinatos em massa e totalitarismo. Pelo menos dois gêneros literários modernos, o romance do campo de prisioneiros e o romance distópico (obras como *We* de Yevgeny Zamyatin, *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley e *1984* de George Orwell), derivam de seus escritos. Suas ideias e inovações formais exerceram profunda influência sobre Friedrich Nietzsche, André Gide, Camus, Jean-Paul Sartre, André Malraux e Mikhail Bulgakov, para citar apenas alguns. Acima de tudo, suas obras continuam a cativar os leitores, combinando enredos de suspense com questões fundamentais sobre fé, sofrimento e o sentido da vida.

As principais obras de Dostoiévski são:

- *Gente pobre* (1844);
- *Humilhados e ofendidos* (1861);
- *Crime e Castigo* (1866);
- *O Jogador* (1867);
- *O Idiota* (1869);
- *Os Demônios* (1872);
- *O Adolescente* (1874);
- *Os Irmãos Karamazov* (1880).

# Sobre o Repositório Cristão

O Repositório Cristão surgiu em 2019 como um projeto para armazenar e divulgar conteúdo cristão clássico e novo. Nosso objetivo é proporcionar acesso a bibliografias confiáveis para pesquisa, levando em conta originalidade e fidelidade da informação. Por conta dessa missão laboriosa, necessitamos sempre de ajuda com relação às traduções realizadas e de quesitos técnico-históricos pertinentes, para que as pesquisas obtenham o máximo de certeza quanto ao conteúdo.

Temos buscado selecionar trabalhos que envolvam os seguintes assuntos: tradução bíblica, teologia e filosofia cristã, literatura e artigos.

Além disso, nosso trabalho visa a divulgação deste material de forma gratuita. Para isso, dentro do que está a disposição sem custos, obtemos o material para divulgação e tradução principalmente nos portais que possuam preferencialmente arquivos gratuitos ou em domínio público. No momento, o projeto possui mais de **500** publicações, entre artigos, capítulos de livros e biografias.

Toda ajuda ao projeto será bem vinda. Acima de tudo, que Deus possa ser glorificado, e que Ele abençoe sua vida com este material.



Para conteúdo gratuito, acesse:

<https://www.paulomatheus.com/p/repositorio-cristao.html>  
<https://repositoriocristao.design.blog/>

**Faça parte do nosso trabalho.**

Envie um e-mail para [contato@paulomatheus.com](mailto:contato@paulomatheus.com) e saiba mais.

*“Entrega ao Senhor as tuas obras, e teus desígnios serão estabelecidos”.*  
*Provérbios 16, 3.*

---

